

A REPERCUSSÃO DA REVOLUÇÃO MEXICANA NA IMPRENSA BRASILEIRA

Carlos Alberto Sampaio BARBOSA

Resumo: O objetivo desse artigo é fazer uma reflexão preliminar sobre a repercussão da Revolução Mexicana no Brasil. O eixo central de análise são os jornais *O Estado de S. Paulo* e *Voz do Trabalhador*. A hipótese principal é que a América Latina e em especial o México não eram desconhecidos para o público brasileiro em geral nem de seus intelectuais.

Palavras Chaves: Revolução Mexicana, Brasil, Imprensa.

Abstract: The aim of this article is make a consideration preliminary about the repercussion of the Mexican Revolution in Brazil. The central axle of the research is the newspaper *O Estado de S. Paulo* and *Voz do Trabalhador*. The hypothesis principal is that Latin American and especially the Mexico weren't unknown of the Brazilian public neither yours intellectuals.

Keywords: Mexican Revolucion, Brazil, Press.

O objetivo desse artigo é apresentar os resultados parciais de uma pesquisa que se encontra em andamento sobre a repercussão da Revolução Mexicana no Brasil sob a perspectiva de dois periódicos: *O Estado de S. Paulo* e *a Voz do Trabalhador* entre os anos 1910 e 1920. Posteriormente pretendemos ampliar o escopo dessa investigação para outros periódicos, além de dimensionar a repercussão da Revolução entre intelectuais e artistas brasileiros.¹

Para exemplificar essa repercussão vou destacar quatro artigos redigidos por Manoel de Oliveira Lima (1867-1928) e publicados no jornal *O Estado de S. Paulo* no ano de 1911, contrapondo-os a alguns artigos do jornal *A Voz do Trabalhador*.

A Revolução Mexicana teve uma grande repercussão na imprensa norte-americana, latino-americana e brasileira em particular. Uma das minhas hipóteses é que podemos comparar a repercussão que a Revolução Mexicana obteve na primeira metade do século XX com a que a Revolução Cubana atingiu na segunda metade.

Seus reflexos foram sentidos nos meios artísticos das sociedades latino-americanas e representados pela literatura, cinema, fotografia e artes plásticas. Além dessa ampla repercussão por todo o continente, os ecos da Revolução atingiram o Brasil através de sua imprensa e intelectuais. Aqui os jornais noticiavam seguidamente informações do desenrolar dos acontecimentos em terras mexicanas.

A repercussão da Revolução Mexicana no Brasil é tema pouco estudado entre nós. A pesquisa busca contribuir também com relação à história comparada entre Brasil e México e a história do México vista numa perspectiva latino-americana e brasileira mais especificamente. A historiografia da Revolução Mexicana conta com excelentes estudos das relações internacionais, em especial enfocando as relações com os Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha, França e Espanha², ou seja, com os países europeus. As pesquisas da repercussão da Revolução em nosso subcontinente ainda é marginal e uma exceção que confirma a regra é o artigo de Pablo Yankelevich.³

A Revolução Mexicana no jornal *O Estado S. Paulo*

Num balanço ainda preliminar constatamos um rico material tanto em quantidade como em qualidade no jornal *O Estado de S. Paulo* referente ao México desse período. Esse material permite uma série de indagações relacionadas à própria ótica dos jornais e sua visão a respeito do conflito mexicano, assim como da crescente preocupação do Brasil numa maior participação no cenário mundial.

No levantamento preliminar⁴ realizado no jornal *O Estado de S. Paulo* entre os anos de 1910 e 1920 localizamos até o momento aproximadamente 423 notas e matérias publicadas. Vale a pena destacar a utilização de algumas fotografias que identificamos como provenientes do Arquivo Casasola⁵, principalmente retratos dos principais protagonistas dos acontecimentos mexicanos tais como Porfirio Díaz e Francisco Madero.

A delimitação temporal da pesquisa procurou abarcar desde a eclosão do movimento insurrecional no México, com o lançamento do Plano de San Luis Potosí em 20 de outubro de 1910, até a eleição de Álvaro Obregón como presidente da República, em novembro de 1920, que simbolizou a vitória da chamada “Dinastia de Sonora” e marcou o fim dos conflitos armados e início da institucionalização do país.

As notícias foram em geral publicadas nas colunas “Exterior-México” e “Exterior-Estados Unidos” e eram fornecidas pelas agências de informações norte-americanas e francesas. Segundo Jesús Timoteo Álvarez e Ascensión Martínez Riaza, até esse momento, ou seja, por volta da Primeira Guerra Mundial, existia uma política de distribuição da informação para a região por órgãos de informações estrangeiros. Antes da Primeira Guerra Mundial, as grandes agências de notícias eram: *Havas*, de Paris; *Reuter*, de Londres; *Wolf*, de Berlim e *Associated Press*, de Nova York. Estas mantinham um pacto de intercâmbio, distribuição exclusiva de notícias e divisão de mercado. Esse pacto estabelecia que toda a América Latina ficasse para a agência de notícias francesa *Havas*.⁶

Segundo os autores, apenas após a guerra essa situação mudou e agências norte-americanas se aproveitaram da conjuntura européia para ocupar o espaço, antigamente monopolizado pelos franceses, principalmente pela *International News Service* e pela *United Press*, que posteriormente se fundiram e formaram a *United Press International*. Assim, após 1918, era de Nova York que se distribuíam as notícias para a América Latina. Então o período que estamos trabalhando, o início do século XX, presenciou a mudança do fluxo de informação no mundo.

Em nossa pesquisa não constatamos tal afirmação, encontramos na realidade um equilíbrio entre notícias de agências tanto de origem norte-americana como francesas, mesmo antes da Primeira Guerra Mundial. Podemos afirmar que em muitos momentos ocorreu o contrário, as primeiras superam a segundas, até porque a principal temática destacada pelo *O Estado de S. Paulo* era a relação entre Estados Unidos e México durante a Revolução.

Vejamos algumas das temáticas mais recorrentes nas notas publicadas nesse período por ordem de recorrência: em primeiro lugar uma parcela considerável das notícias eram referentes à relação entre os Estados Unidos e seus interesses econômicos e políticos e o caminhar dos acontecimentos revolucionários mexicanos; em segundo lugar, foram reproduzidas matérias referentes à situação no México e que apareciam em jornais norte-americanos como o *New York Times*, *New York Sun*, *New York Herald*, *Financial News*, *Daily Mail*, *Daily News* e *Morning Post*; em terceiro, as notas descreviam o desenrolar dos acontecimentos internos no México; em quarto, os diversos acontecimentos de fronteira entre México e Estados Unidos; e por fim, também foram destaque a mobilização de tropas e a possibilidade de intervenção norte-americana.

Deste enorme manancial de informações destacamos algumas matérias escritas entre abril e maio de 1911, escritas por um dos principais pensadores e diplomatas brasileiros da época, Oliveira Lima. Esses artigos foram redigidos durante sua estada na França quando realizou conferências na Sorbonne. Os artigos foram publicados no jornal entre os dias 24 de junho e 30 de julho de 1911, ou seja, um mês depois de serem escritos. Essa informação é relevante porque ele escreveu no período imediatamente anterior e posterior à queda de Porfírio Díaz em 25 de Maio de 1911.

O primeiro artigo foi publicado na coluna “Coisas Estrangeiras” e era denominado “A situação no México”. Nele Oliveira Lima traçava um perfil do país e de seu governante mexicano:

“O México tem estado na ordem do dia. Todo o mundo estava capacitado, com ou sem razão – eu penso que com razão – de [supor] que a morte do presidente Díaz significaria uma perturbação profunda da tranquilidade publica do paiz que, sob sua dictadura de mais de trinta annos, desenvolveu consideravelmente

os seus recursos, alcançando notável grau de prosperidade e de credito, e até a reputação de uma nação organizada, estável e progressiva, tal a irradiação projetada pela paz forçada em que tem ella vivido desde que a governa a mão ferrea de ‘Dom Porfirio’ [presidente] da república mexicana, se presidente se pode chamar um autocrata e republica o seu dominio”⁷

Nesse primeiro trecho notamos o tom crítico e ambíguo das assertivas do autor com relação ao México e seu governo. Ele classificava de ditadura o regime e de autocrata Díaz, embora fosse essa situação que levou ao desenvolvimento econômico e a estabilidade política o que veio a transformar a imagem da nação. O autor expressava preocupação com a elevada idade do mandatário mexicano e as consequências de sua possível morte. Em outro momento, ele continuou destacando os atributos políticos do presidente além de um breve panorama histórico do século XIX:

“Com dom Porfirio desaparecerá um dos homens eminentes de século XIX [...] foi elle quem deu realidade às visões politicas de Juarez, [...] possuia justamente estas qualidades que o tornaram senhor absoluto do Mexico desde 1877. A sua queda é tão inesperada que desnorteia a previsão dos mais aguçados e experimentados. O Mexico identifica-se com elle aos olhos do estrangeiro dentro do paíz não havia opposição, porque qualquer que se erguesse era implacavelmente supprimida. Foi este o seu segredo do exito das sucessivas administrações de Diaz: nenhum quartel aos adversários em armas [...] Resta saber se com outro methodo teria d. Porfirio imposto a paz e feito voltar a ordem no Mexico [...] chega a duvidar-se de que pudesse surtir efeito processos diferentes. Não sei de historia mais anarchisada e mais vergonhosa. O truão sinistro que foi Santa Ana projecta sobre ella a sua sombra grotesca e repugnante, ora trucidando adversarios, ora fazendo-se chamar ‘Alteza Serenissima’ ou fugindo covardemente diante dos americanos, ou tratando de negociar pedaços de territorio nacional e a propria independencia da pátria [...] general de comédia [...]”⁸

Novamente podemos destacar desses trechos a forma pendular com que Oliveira Lima entendia o regime porfirista. Qualificava-o como um governante que conseguiu desenvolver o país até atingir um grau de prosperidade, crédito, reputação, levando a nação a um estágio de organização e de estabilidade sem igual na sua curta história independente. Em um outro trecho, classifica-o como um “fazedor de nação (*a nation-makers*)”.

Entretanto, segundo o autor, tal empreendimento não ocorreu sem um alto grau de autoritarismo. Vai então definir Díaz como um ditador que dirigiu o México com mão de ferro, sem permitir a existência de uma oposição, o que deu oportunidade ao autor de compará-lo a outros ditadores das repúblicas latino-americanas em artigo posterior.

Mas ainda segundo ele, o México não alcançaria esse desenvolvimento político e econômico por outros métodos. Afinal o país era um verdadeiro caos no período anterior e cita como exemplo negativo o governo do General Antonio López de Santa Anna (que governou o país em vários mandatos entre 1833-1855). Este trecho, assim como todo o artigo, revelava um excelente conhecimento da história mexicana e latino-americana materializado em diversas publicações sobre esta região.⁹

O momento positivo na história mexicana estava vinculado à curta experiência monarquista do Imperador Maximiliano imposto pela França do Segundo Império de Luis Napoleão e que revelava sua admiração por tal regime político:

“Foram aquellas classes que deram seu melhor apoio à intervenção francesa que culminou na criação do imperio de Maximiliano. Uma monarquia **digna e esclarecida** pareceu-lhes com sobeja razão muito preferível ao depotismo ignorante e brutal que até ahi constituiu o governo da nação”¹⁰

Chama a atenção também a perspicácia de Oliveira Lima para a situação de decomposição política do regime porfirista mesmo estando do outro lado do Atlântico. Percebeu a fraqueza e a debilidade do velho ditador e utilizou para ilustrá-la a fábula do leão moribundo que não conseguia manter-se pelas glórias passadas. Nem mesmo seu fiel aliado e parceiro comercial dos últimos 34 anos, os Estados Unidos, nesse momento de debilidade se designou a apoiá-lo. Antes aconselhou-o a retirar-se.

“Não falta aliás, mesmo nos Estados Unidos, quem ache esta [abdição] a melhor solução, e digo ‘mesmo’ porque a política exterior do governo de Diaz consistiu mais que tudo em viver bem com o governo de Washington, em attrair capitaes americanos [...] No momento (...) os Estados Unidos negam-se porém a auxiliar o compadre que tanto lhes procurava a amizade e aconselham-no antes a que se retire, fazendo-lhe sentir um tanto bruscamente que já passou a sua hora e que chegou o instante de deixar o palco político.”¹¹

A situação econômica e das relações entre México e Estados Unidos foi explorada com maior profundidade em outro artigo publicado no dia 10 de julho de 1911¹². Nele desenvolveu a tese de que o país foi dominado pelos grupos econômicos-financeiros norte-americanos, que possuíam investimento de cerca de “900 milhões de dólares”, segundo o autor. Esses grupos monopolizavam diversos setores produtivos e cita como exemplos as empresas *Guggenheim*, que controlavam a fundição e as minas de cobre; a *Standard Oil Company*, que possuía a maior parte da produção de petróleo, que segundo ele controlavam aproximadamente 90% da

extração; a *Americam Sugar Trust*, grande produtora de açúcar, a *Continental Rubber Company* na borracha e a *Wells-Frago Express Company*, que controlava os transportes ferroviários. O resultado, segundo Oliveira Lima, foi que esse domínio econômico refletiu-se no político “para onde quer que corra o capital este dominará o governo”.¹³

Essa análise da situação econômica e a inter-relação com os Estados Unidos se aproximam de interpretações mais recentes das causas da Revolução Mexicana como a de John Mason Hart.¹⁴ Para esse autor a Revolução foi um movimento de massa de caráter nacionalista frente à penetração imperialista norte-americana. Nesse sentido, foi um dos primeiros levantamentos contra a penetração econômica e controle político dos Estados Unidos, comparável com outros movimentos revolucionários ocorridos no mundo nesse momento. Esses fenômenos se caracterizavam por serem reativos ao imperialismo britânico ou norte-americano, como as revoluções chinesa, iraniana e russa de 1905.

O que chamou a atenção de Oliveira Lima foi que, “com tanta ameaça de desassossego do outro lado da fronteira” e a iminência de uma guerra civil generalizada e, ao mesmo tempo, com tantos investimentos no país, não se cogitava a anexação do México aos Estados Unidos. Essa contradição era explicada pela seguinte conclusão: intervenção sim, para proteger seus interesses

“incorporação não, porque o sistema de trabalho que permite os referidos lucros, com muito maior certeza se manterá sob a bandeira mexicana que sob a bandeira americana [...] enquanto poder ser conservado como uma colônia servil não será anexado”.¹⁵ (OESP, 10/07/1911, p. 2).

No entanto, sua análise nesse ponto se mostrou equivocada alguns meses depois. A ameaça de anexação foi real, assim como a intervenção direta aconteceu posteriormente. Foi durante o mandato do presidente republicano William Howard Taft e com o apoio de seu Secretário de Estado, Philander Chase Knox, que o cônsul norte-americano na Cidade do México articulou o golpe de Estado que derrubou Francisco Madero em fevereiro de 1913, levando ao poder Victoriano Huerta, um militar que era visto como simpático aos Estados Unidos.¹⁶

Um ano depois, o novo presidente norte-americano, o democrata Woodrow Wilson, enviou fuzileiros navais norte-americanos a fim de desembarcarem em Veracruz, principal porto de escoamento das exportações mexicanas. O presidente estadunidense recém-empossado optou pela intervenção armada como forma de influenciar na correlação de forças da guerra civil. Wilson iniciava assim uma política diferenciada com relação ao México, desejava um vizinho estável e que garantisse os investimentos americanos naquele país. A atuação dos *mariners* visava também debilitar Huerta. Para estabelecer a paz entre os países se

estabeleceu uma conferência em Niagara Falls (Estados Unidos), conhecida como ABC, pela participação de Argentina, Brasil, Chile e representantes mexicanos.

Em outro artigo, “O ocaso de um grande homem”¹⁷, publicado alguns dias depois, Oliveira Lima comparou Díaz com outros “tiranos” latino-americanos, como Rosas da Argentina e Castro da Venezuela. Utilizou como subsídio para este artigo o livro *Barbarous Mexico. Na Indictment of a Cruel and Corrupt System*.¹⁸ Esse livro foi publicado em 1911, escrito pelo jornalista norte-americano John Kenneth Turner. Incluía impressionantes fotografias que chocaram a opinião pública norte-americana da época. O livro relatava as atrocidades cometidas pela polícia secreta do Estado mexicano. No artigo de Oliveira Lima o regime porfirista era definido como de caciquismo político dominado pelos chefes políticos locais e sustentado pela Polícia Rural e por um exército

“que costuma ser [como] em algumas das democracias latinoamericanas [...] recrutado violentamente entre os elementos inferiores da população, mais ou menos adestrado, mas no fundo ignorante e inconsciente.”¹⁹

Estes textos de Oliveira Lima foram escritos durante sua estada em Bruxelas, na Bélgica, período em que permaneceu na legação brasileira naquele país entre 1908 e 1912. Seu trabalho nessa fase, segundo Teresa Malatian²⁰, consistiu em estabelecer atividades mais voltadas para uma “diplomacia cultural”, pois realizou uma série de conferências em universidades européias nas quais expunha sua tese de que a unidade nacional brasileira havia sido fruto da Monarquia brasileira durante o século XIX. Tal tese foi reforçada por sua experiência anterior na Venezuela entre 1904 e 1906. Suas análises da conjuntura mexicana reiteram sua visão desenvolvida naquele momento.

Deve-se salientar que sua estada em Caracas se deu logo após a passagem do século XIX para o XX, fase de grande tensão no continente. Em 1898, tivemos a Guerra Hispano-Americana, seguida de uma política intervencionista norte-americana baseada numa nova leitura da Doutrina Monroe, dirigida pelo então presidente dos Estados Unidos, Theodor Roosevelt. Tal postura, ainda segundo Teresa Malatian, levou Oliveira Lima a um posicionamento crítico com relação aos Estados Unidos. Tais opiniões expressaram-se em seus livros *Pan-americanismo: Monroe, Bolívar, Roosevelt*, de 1907 e *Impressões da América Espanhola* escrito nessa época, mas publicado postumamente em 1953.²¹

Nesses artigos, assim como em seus livros, expressou sua opinião de que as repúblicas hispano-americanas tiveram suas histórias marcadas pelo caudilhismo, militarismo, instabilidade política, debilidade econômica, política e cultural, o que facilitou o expansionismo de nosso vizinho anglo-saxão do norte.

Se pudéssemos fazer um resumo de sua visão sobre a história do México a partir desses artigos, segundo ele, este país passou por diversas etapas políticas, primeiro um período de caos para logo depois cair no despotismo do regime porfirista. Tais considerações sobre esse país reforçavam seu posicionamento favorável à monarquia brasileira, responsável no seu ponto de vista pela unidade nacional. Enquanto que as interpretações negativas com relação à América Hispânica em geral e ao México em particular demonstrariam a anarquia, fruto dos regimes republicanos.

Jornal A Voz do Trabalhador

Em contraposição à visão de um jornal de grande circulação procuramos verificar como foi a repercussão num jornal operário e confrontar com a visão do jornal *O Estado de S. Paulo* e dos artigos de Oliveira Lima. Quero agora fazer uma rápida discussão da repercussão da Revolução Mexicana no jornal *A Voz do Trabalhador*. Este jornal começou a ser publicado no Rio de Janeiro em 1908 e era porta voz da Confederação Operária Brasileira (que surgiu em decorrência do Congresso Operário Brasileiro realizado em 1906). Circulou até o ano de 1915 e foi talvez, junto com outro periódico, *A Terra Livre*, um dos mais importantes das duas primeiras décadas do século XX entre os jornais operários.

Neste jornal as notícias sobre a Revolução Mexicana tiveram um maior destaque no ano de 1913, período que coincide com a fase mais intensa da participação popular na Revolução. Assim, em um conjunto de artigos publicados ao longo desse ano, os editores do jornal expressaram uma série de posicionamentos tais como: declaravam apoio aos rebeldes mexicanos; procuraram explicar a situação política no país de um ponto de vista dos revolucionários camponeses; informavam também o envio de uma carta-protesto dirigida ao presidente dos Estados Unidos contra a detenção de lideranças do Partido Liberal Mexicano – PLM (Ricardo e Enrique Flores Magón, Anselmo Figueroa e Librado Rivera).

Em outra notícia desse jornal anunciam um número especial do jornal *Regeneración* disponível para compra na redação ao preço de “500 réis o exemplar”. As notícias permitiriam supor a existência de uma rede de distribuição do *Regeneración* no Brasil e na América do Sul, porque sabemos que esse periódico era vendido também em cidades como Buenos Aires e Montevideú.²² O jornal *Regeneración* era o órgão de propaganda do PLM e naquele momento estava sendo editado nos Estados Unidos.

O jornal *A Voz do Trabalhador* criticava a cobertura dada pela imprensa “burguesa” à Guerra Civil Mexicana. Crítica essa que nos parece em grande parte direcionada aos jornais brasileiros, como *O Estado de S. Paulo* e suas notícias editadas através de informes de Agências norte-americanas. Então vejamos um trecho do início da matéria:

“De vez em quando os jornais burguezes publicam telegramas, recebidos por vias indiretas, noticiando uma ou outra batalha no México. Essas notícias, para quem não acompanhou o movimento desde o começo, podem levar a crer que a revolução no México é feita com impulsos espasmódicos, que o governo consegue abafar imediatamente. Puro engano. A revolução, iniciada há trez anos com a queda de Diaz, continua até hoje com a mesma intensidade, e não cessará, embora apareçam ‘salvadores da situação’ como Madero e Huerta, enquanto os peones não obtenham o que tanto sangue lhes custou: a restituição das terras que lhes foram roubadas.”²³

O jornal *Voz do Trabalhador*, ao contrário do *O Estado de S. Paulo*, não utilizou a rede de agências de notícias internacionais. Procurou estabelecer outras conexões alternativas como o intercâmbio entre publicações anarquistas. Sua visão da Revolução Mexicana enfocava a situação dos camponeses e da questão da terra.

Considerações Finais

Oliveira Lima em suas análises sobre a situação do México se aproximou muito da visão de uma parcela da historiografia recente sobre a Revolução Mexicana. Para esses autores uma das causas da Revolução foi o centralismo político, implantado pelo governo de Diaz, e o avanço do imperialismo capitalista no país. A penetração do capital internacional afetou profundamente as classes populares assim como uma elite econômica que se viu relegada a um segundo plano.

A Revolução Mexicana e seus desdobramentos culturais e políticos foram intensamente acompanhados na América Latina. Os ecos desse movimento social foram sentidos em importantes setores de nosso continente, por exemplo, entre os intelectuais da geração da Reforma Universitária, nas reflexões de intelectuais e políticos como José Carlos Mariátegui e Haya de la Torre no Peru, José Ingenieros na Argentina e tantos outros. Algumas revistas e editoras fundadas a partir do surgimento de um novo Estado mexicano pósrevolucionário, fruto de uma política cultural e diplomática com um viés intervencionista nas esferas culturais, abriram espaços para intelectuais latino-americanos. Para citar apenas as mais importantes como mediadoras da circulação de homens e idéias em nosso continente podemos falar da editora *Fondo de Cultura Económica, Siglo XXI* e a revista *Cuadernos Americanos*.²⁴

No que se refere aos contatos entre intelectuais brasileiros e mexicanos, podemos falar de José Vasconcelos, que em 1922, como Secretário de Educação Pública e um dos principais incentivadores do movimento muralista, esteve no Brasil para participar das comemorações do

Centenário da Independência. Essa visita que rendeu a publicação do livro *Raça Cósmica*.²⁵ Alguns anos depois um dos mais destacados intelectuais mexicanos, Alfonso Reyes, foi designado como embaixador no Brasil em três períodos sucessivos (1930-1934, 1935-1936 e 1938)²⁶, além de Antonio Caso, que visitou a região e ministrou conferências no Rio de Janeiro, Montevidéu, Buenos Aires e Santiago, entre 1921 e 1924.

David Alfaro Siqueiros, um dos expoentes do Muralismo além de ativista político e divulgador de sua proposta estético-política, esteve no Brasil em 1933 a convite dos modernistas durante viagem pela América do Sul. Havia proferido conferências em Montevidéu e Buenos Aires, nesta cidade a convite de Victoria Ocampo, e a seguir veio a São Paulo, onde esteve no Clube de Arte Moderno (CAM), estabelecendo contatos com intelectuais brasileiros como Oswald de Andrade e Candido Portinari.

Por sua vez, artistas e intelectuais brasileiros estabeleceram relações com seus colegas mexicanos e chegaram a visitar o México. Ronald de Carvalho esteve no México em 1926 e Érico Veríssimo visitou o país em 1957. Escritores como Cecília Meireles, Manuel Bandeira e Ribeiro Couto tiveram contato e trocaram correspondências com Alfonso Reyes.

Assim, neste rápido balanço prévio, podemos fazer algumas constatações. A América de origem espanhola não era tão desconhecida do público brasileiro. Existiu uma circulação de informações e idéias. Enquanto Oliveira Lima, a partir de Paris, escrevia sobre assuntos mexicanos através do jornal *O Estado de S. Paulo* para o público brasileiro e comentava as notícias dos jornais norte-americanos e dos recentes livros publicados nos Estados Unidos, poderíamos comprar um exemplar de um periódico político editado nos Estados Unidos e voltado para o público mexicano em plena cidade do Rio de Janeiro. Por seu turno, intelectuais e artistas brasileiros e mexicanos circulavam idéias culturais e propostas políticas. Os acontecimentos da Revolução Mexicana romperam fronteiras e ecoaram em território brasileiro.

Notas

¹ Esse projeto começou em 2004 e conta com a participação de um grupo de alunos de iniciação científica que realizaram a pesquisa no acervo do Centro de Documentação e Apoio a Pesquisa – CEDAP vinculado a Faculdade de Ciências e Letras da UNESP Campus Assis. Uma das propostas básicas era estabelecer um exercício de investigação em arquivo para os alunos nas disciplinas de História da América. Escolhemos o trabalho com a imprensa brasileira e a Revolução Mexicana como tema. Partimos da hipótese de que a América Latina e o México em particular foram focos privilegiados dos meios de comunicação brasileiros, ou seja, ao contrário do que se costuma acreditar, o Brasil não viveu de costas para seus vizinhos latino-americanos. Quero agradecer aos alunos de graduação em geral que participaram do projeto e em especial a aluna Gabriela Sousa de Queiroz que realizou um projeto de Iniciação Científica no ano de 2003 com Bolsa BAE/UNESP.

² ULLOA, Berta. *La Revolución intervenida*. Relaciones diplomáticas entre México y los Estados Unidos. 1910-1914. México: Colmex, 1971. KATZ, Friedrich. *La guerra secreta en México*. México: Era, 2 vols., 1982. MEYER, Lorenzo. *Su majestad Británica contra la Revolución mexicana*. México: Colmex, 1991. DURÁN, Esperanza. *Guerra y Revolución*. Las grandes potencias y México. 1914-1918. México:

Colmex, 1985. PY, Pierre. *Francia y la Revolución Mexicana. 1910-1920. O la desaparición de una potencia media*. México: Fondo de Cultura Económica, 1991. MAC GREGOR, Josefina. *México y España. Del porfirismo a la Revolución*. México: INEHRM, 1992. TORRES, Oscar, Flores. *Revolución Mexicana y diplomacia española, contrrevolución y oligarquía hispana en México, 1909- 1920*. México: INEHRM, 1995.

³ YANKELEVICH, Pablo, México desde afuera. Una aproximación a los estudios sobre la Revolución mexicana en América Latina, *Historias*, México, INAH, sep-dic, n°44, 1999, pp. 57-65.

⁴ A pesquisa se encontra em andamento.

⁵ O Arquivo Casasola foi formado a partir da década de 1910. Originou uma agência de distribuição de imagens para periódicos do México, Estados Unidos e na América do Sul tínhamos informação que apenas haviam vendido fotografias para a Argentina. Com nossa pesquisa descobrimos que vendeu imagens para o jornal O Estado de S. Paulo. Para maiores informações veja minha Tese de Doutorado *A fotografia a serviço de Clío: uma interpretação da história visual da Revolução Mexicana (1900-1940)*. Tese de Doutorado, USP, 2004.

⁶ TIMOTEO ÁLVAREZ, Jesús e MARTÍNEZ RIAZA, Ascensión. *História de la prensa hispanoamericana*. Madrid: Editorial Mapfre, 1992.

⁷ LIMA, Manoel Oliveira, “A situação no México”, *O Estado de S. Paulo*, 24 jun. 1911, p. 2. Foi mantida a grafia original.

⁸ LIMA, Manoel Oliveira, “A situação no México”, *O Estado de S. Paulo*, 24 jun. 1911, p. 2.

⁹ LIMA, Manoel de Oliveira. *Impressões da América Espanhola: 1904-1906*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953; *Pan-americanismo: Bolivar-Monroe-Roosevelt*. Paris/Rio de Janeiro: Garnier, 1907.

¹⁰ LIMA, Manoel Oliveira, “A situação no México”, *O Estado de S. Paulo*, 24 jun. 1911, p. 2. Grifos meus.

¹¹ LIMA, Manoel Oliveira, “A situação no México”, *O Estado de S. Paulo*, 24 jun. 1911, p. 2.

¹² LIMA, Manoel Oliveira, “México e Estados Unidos”, *O Estado de S. Paulo*, 10 jul. 1911, p. 2.

¹³ Idem.

¹⁴ HART, John Mason. *El México revolucionário: gestación y processo de la Revolución Mexicana*. México: Alianza Editorial Mexicana, 1990.

¹⁵ LIMA, Manoel Oliveira, “México e Estados Unidos”, *O Estado de S. Paulo*, 10 jul. 1911, p. 2.

¹⁶ Para uma visão da política interna norte-americana com relação à América Latina veja o livro de SCHOUTZ, Lars. *Estados Unidos: poder e submissão*. Uma história da política norte-americana em relação à América Latina. Bauru: Edusc, 2000.

¹⁷ LIMA, Manoel Oliveira, “O ocaso de um grande homem”, *O Estado de S. Paulo*, 29 jun. 1911, p. 2.

¹⁸ TURNER, Kenneth. *Barbarous Mexico. An Indictment of a Cruel and Corrupt System*. New York: Canel and Company, 1911.

¹⁹ LIMA, Manoel Oliveira, “O ocaso de um grande homem”, *O Estado de S. Paulo*, 29 jun. 1911, p. 2.

²⁰ MALATIAN, Teresa. *Oliveira Lima e a construção da nacionalidade*. Bauru/São Paulo: Edusc/Fapesp, 2001.

²¹ LIMA, Manoel de Oliveira. *Impressões da América Espanhola: 1904-1906*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953; *Pan-americanismo: Bolivar-Monroe-Roosevelt*. Paris/Rio de Janeiro: Garnier, 1907.

-
- ²² Conforme RAMA, Carlos, “La Revolución mexicana en el Uruguay”, *Historia Mexicana*, México, Colmex, vol. VII, n° 2 oct.-dic. 1957 e YANKELEVICH, Pablo, “Los m agonistas en La Protesta 1906-1929”, *Estudios de historia moderna y contemporánea de México*, México, UNAM, n° 19.
- ²³ *Voz do Trabalhador*, 15 mar., 1913.
- ²⁴ Um excelente balanço dessas relações foi feito por YANKELEVICH, Pablo, México desde afuera. Uma aproximación a los estudios sobre la Revolución mexicana en América Latina, *Historias*, México, INAH, sep-dic, n° 44, 1999, pp. 57-65.
- ²⁵ VASCONCELOS, José. *La raza cosmica*: mision de la raza iberoamerica. Argentina y Brasil. México: Espasa-Calpe Mexicana, 1966 (Primeira edição de 1925). Para maiores informações sobre Vasconcelos veja o trabalho de CRESPO, Regina. *Itinerarios intelectuales*: Vasconcelos, Lobato y sus proyectos para la nación. México: CCyDEL/UNAM, 2004; e também seu artigo “Cultura e política: José Vasconcelos e Alfonso Reyes no Brasil (1922-1938)”, *Revista Brasileira de História*, São Paulo: ANPUH/Humanitas, vol. 23, n° 45, 2003, pp. 187-208.
- ²⁶ Para as relações diplomáticas entre Brasil e México veja o livro de PALACIOS, Guillermo. *Intimidades, conflictos y reconciliaciones*. México y Brasil 1822-1993. México: Dirección General del Acervo Histórico Diplomático de la Secretaría de Relaciones Exteriores, 2001.